

WILLIAM S. BURROUGHS
QUEER

TRADUÇÃO
CHRISTIAN SCHWARTZ



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 1985 by William S. Burroughs e The William S. Burroughs Trust
Todos os direitos reservados

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original
Queer

Capa e ilustração
Retina 78

Preparação
Ciça Caropreso

Revisão
Marise Leal
Jane Pessoa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Burroughs, William S., 1914-1997.
Queer / William S. Burroughs ; tradução Christian Schwartz. —
1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2017.

Título original: Queer.
ISBN 978-85-359-2844-0

1. Burroughs, William S., 1914-1997 2. Ficção – norte-americana
I. Título.

16-08425

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

Sumário

Nota sobre a tradução, 7

Queer, 9

Dois anos depois: volta à Cidade do México, 101

Apêndice — Introdução de
William S. Burroughs à edição de 1985, 113

Notas, 127

Nota sobre a tradução

O trio de romances que marca a conturbada fase inicial da carreira de William S. Burroughs — um ex-viciado em drogas e alcoólatra que acidentalmente acertou um tiro fatal em sua primeira mulher, Joan, quando o casal vivia no México com os dois filhos — é um mergulho no submundo da marginalidade e em seu linguajar regado a gírias e obscuras referências ao vício e ao tráfico. A trilogia começa, apropriadamente, com *Junky*, termina com *Almoço nu* e tem neste *Queer*, agora publicado no Brasil, um “filho do meio” apresentado ao mundo tardiamente, nos anos 1980, embora escrito na década de 1950 como seus “irmãos”. À diferença destes, porém, a temática da droga pesada (“junk”) em *Queer* não é mais que periférica — o protagonista tenta se desintoxicar à base de álcool, enquanto vive uma paixão homossexual algo obsessiva — e, além disso, parte do manuscrito original contendo o linguajar da droga foi parar justamente em *Junky*, no momento em que Burroughs fazia a revisão final desse seu romance de estreia e era obrigado a engavetar o então impublicável *Queer* pelas três décadas seguintes.

Sendo *Junky*, portanto, o romance do vício de William S. Burroughs, nesta versão brasileira de *Queer*, seu livro da abstinência e do sofrimento amoroso, as eventuais aparições da gíria de viciados e traficantes seguem a consagrada tradução de *Junky* por Reinaldo Moraes (Má Companhia, 2013). No romance que o leitor tem em mãos, o problema maior de tradução está no título, que optamos por manter no original — repare que tal problema não se colocava para *Junky*: se esta é palavra de uso mais ou menos corrente no Brasil, “queer” não goza do mesmo alcance. Pior: tem conotações bastante ambíguas em seu uso no inglês contemporâneo, de viés um tanto acadêmico, mas também fundamental na quadra linguística da luta por direitos dos homossexuais, movimento que se apropriou do termo, originalmente pejorativo, para nomear o que no Brasil chamamos “orgulho gay” (nos Estados Unidos é *queer pride*).

Em resumo, decidimos, neste caso, assumir o risco do título no original — e a coerência com o anterior *Junky*, afinal água da mesma fonte — e, ao longo do romance, preservar o eventual uso pejorativo da palavra “queer”, traduzida quase sempre por “bicha”.

Christian Schwartz

Lee voltou a atenção para um rapaz judeu chamado Carl Steinberg que ele conhecia de encontros casuais fazia mais ou menos um ano. A primeira vez que viu Carl, Lee pensou: “Isso podia me servir, se as joias da família não estivessem empenhadas com o tio Trafica”.

O rapaz era loiro, rosto magro e afilado com algumas sardas, sempre um pouco róseo em redor das orelhas e do nariz, como se tivesse acabado de se lavar. Lee não conhecia ninguém que parecesse tão limpo. Com seus olhinhos castanhos e redondos e o cabelo loiro esfiapado, para Lee o rapaz lembrava um filhote de pássaro. Nascido em Munique, Carl tinha sido criado em Baltimore. Nos modos e na visão de mundo, parecia um europeu. Quando trocava um aperto de mãos, a postura era vagamente a de quem batia continência. No geral, Lee achava mais fácil conversar com jovens europeus do que com jovens americanos. A rudeza de muitos americanos o deprimia, uma rudeza resultante de uma sólida ignorância do próprio conceito de modos e do pressuposto de que, para fins sociais, todas as pessoas são mais ou menos iguais e intercambiáveis.

O que Lee buscava em qualquer relacionamento era a sensação de contato. Com Carl, sentia um pouco disso. O rapaz o escutava educadamente e parecia entender o que Lee dizia. Depois de alguma recusa, Carl aceitou o fato de que sua pessoa despertara o interesse sexual de Lee. E disse a ele: “Como não posso mudar de ideia sobre você, vou ter que mudar de ideia sobre outras coisas”.

Mas Lee logo descobriu que não estava fazendo progresso nenhum. “Se eu conseguisse chegar até aqui com um garoto americano”, raciocinava, “eu podia ir às vias de fato. Bem, ele não é bicha. As pessoas são capazes de ceder. Qual é o obstáculo?” Lee finalmente pressentiu a resposta: “O que torna a coisa impossível de acontecer é que a mãe dele não ia gostar”. Lee entendeu que era hora de se retirar. Lembrou de um amigo, judeu homossexual, que vivia em Oklahoma City, a quem perguntara: “Por que você continua aqui? Com o dinheiro que tem, podia ir morar onde quisesse”. A resposta tinha sido: “Minha mãe morre se eu me mudar pra longe”. Lee ficou mudo.

Certa tarde, Lee caminhava com Carl pelo parque da Amsterdam Avenue. Súbito, Carl se inclinou de leve, em reverência, e apertou sua mão. “Tudo de bom”, falou, e correu para pegar o bonde.

Lee ficou lá, parado, observando o rapaz se afastar, depois entrou no parque e se acomodou num banco de concreto esculpido de modo a parecer que era de madeira. Flores azuis da florada de uma árvore próxima estavam caídas sobre o banco e na trilha em frente. Sentado, Lee observava as flores rolares pela trilha ao sabor da brisa morna de primavera. Nuvens começavam a encobrir o céu, preparando uma pancada de chuva vespertina. Lee se sentiu sozinho e derrotado. “Vou ter que procurar outra pessoa”, pensou. Cobriu o rosto com as mãos. Estava muito cansado.

Viu a imagem espectral de uma fila de rapazes. A cada um, ao chegar sua vez na fila, Lee dizia: “Tudo de bom”, e corria para pegar o bonde.

“Desculpe... número errado... tente de novo... outro lugar... noutra parte... aqui não... eu não... não me serve, não preciso, não quero... desculpe... Por que comigo?” O último rosto era tão real e tão feio que Lee disse alto: “Quem te chamou, seu feioso filho de uma puta?”

Abriu os olhos e espiou em torno. Dois adolescentes mexicanos estavam passando, braços enganchados no pescoço um do outro. Lee ficou observando os dois se afastarem, enquanto passava a língua nos lábios secos e rachados.

Continuou a ver Carl depois disso, até finalmente, pela última vez, o outro lhe dizer: “Tudo de bom” e ir embora. Mais tarde Lee soube que ele havia se mudado com a família para o Uruguai.

Lee estava com Winston Moor no Rathskeller, bebendo tequilas duplas. Nas paredes, relógios cuco e cabeças de veado roídas de traça davam ao Rathskeller a aparência lúgubre e deslocada de um cenário tirolês. Suspensão no ar feito um nevoeiro denso, o cheiro de cerveja derramada, privada entupida e chorume escapava para a rua pela passagem estreita e inconveniente das portas de vaivém. Um aparelho de tevê que ficava metade do tempo fora do ar emitia um chiado horrível e gutural, feito um monstro de Frankenstein.

“Eu estava aqui na noite passada”, Lee dizia para Moor. “Comecei a conversar com um médico bicha e o namorado dele. O doutor é major do Corpo Médico do Exército, o namorado uma espécie de engenheiro de alguma coisa. Horrerosa, a putinha. Aí o médico me convida pra tomar um copo com eles, o namorado já ficando enciumado, e eu nem queria beber cerveja, o que o doutor acaba entendendo como algo a ver com o México e com ele próprio. Começa com a lenga-lenga de ‘e aí, que tal o México?’. Aí eu digo que o México é legal, algumas coisas do México, mas que ele mesmo é um mala. Falei numa boa, sabe. Além do quê, de todo modo eu precisava voltar pra casa, que minha mulher estava me esperando.”

“Então ele diz: ‘Você não tem mulher nenhuma te esperando, é tão bicha quanto eu’. Ao que eu respondi: ‘Não sei o quanto você é bicha, doutor, e não é desta vez que vou descobrir. Até parece que estou olhando pra um mexicano bonitão. Você é, isso sim, um desgraçado de um mexicano velho e feio. E isso vale em dobro pro seu namorado carcomido aí. Eu só esperava, claro, que o negócio não descambasse pra algum desfecho extremo...

“Você não chegou a conhecer o Hatfield? Claro que não. Não é do seu tempo. Matou um *cargador* numa *pulquería*. Se livrou com quinhentos dólares. Veja, se a gente considerar que um *cargador* é a ralé da ralé, pensa só quanto não custaria atirar num major do Exército mexicano.”

Moor chamou o garçom. “*Yo quiero un sandwich*”, falou, sorrindo para o moço. “¿*Quel sandwiches tiene?*”

“O que você quer?”, perguntou Lee, irritado com a interrupção.

“Não sei bem”, disse Moor, examinando o cardápio. “Estava pensando se eles não fariam pra mim um queijo quente no pão integral.” Moor voltou a olhar para o garçom com o que ele supunha ser um sorriso de menino.

Lee fechou os olhos enquanto Moor tentava se fazer entender sobre o conceito de queijo quente em pão integral. Moor soava charmosamente desamparado com seu espanhol inadequado. Encenava o personagem do garotinho num país estranho. Sorria para um espelho interior, um sorriso sem vestígio nenhum de empatia, mas não um sorriso frio: era o sorriso inexpressivo da decadência senil, o sorriso que combina com dentes falsos, o sorriso de um homem envelhecido e simplificado pelo solitário confinamento do amor-próprio exclusivo.

Moor era um jovem magro de cabelo loiro, em geral um pouco comprido. Tinha olhos azul-claros e pele muito branca. Faixas escuras sublinhavam seus olhos e dois sulcos profundos contornavam sua boca. Parecia ao mesmo tempo uma criança e um homem pre-

cocemente envelhecido. O rosto exibia os estragos da morte em processo, as incurções da decadência na carne à parte da energia viva do contato.

Moor mantinha-se motivado — vivo e seguindo em frente, literalmente — pelo ódio, mas não havia paixão nem violência no seu modo de odiar. O ódio de Moor era um impulso arrastado e contínuo, fraco mas infinitamente persistente, à espera de levar vantagem sobre qualquer fraqueza do outro. O gotejar lento do ódio de Moor é que havia riscado os sulcos da decadência em seu rosto. Moor envelhecera sem experiência de vida, feito um pedaço de carne apodrecendo na prateleira de uma despensa.

Tinha o hábito de interromper uma história justamente quando o sentido do que era contado estava para ser revelado. Era frequente começar uma longa conversa com um garçom ou com qualquer pessoa à mão ou que adotasse um ar vago e distante, bocejasse e dissesse: “Qual era a história?”, como se, de reflexões que ninguém além dele seria capaz de conceber, tivesse sido despertado para a tediosa realidade.

Moor passou a falar de sua mulher, Jackie. “No começo, Bill, ela era tão dependente de mim que costumava ficar literalmente histérica quando eu tinha que ir pro museu onde trabalho. Consegui fortalecer seu ego a ponto de ela não precisar mais de mim e, depois disso, a única coisa que me restou foi cair fora. Eu não podia fazer mais nada por ela.”

Ele encenava o cara sincero. “Meu Deus”, pensou Lee, “ele acredita mesmo nisso.”

Lee pediu mais uma tequila dupla. Moor se levantou. “Bom, tenho que ir”, disse. “Um monte de coisas pra fazer.”

“Escuta”, falou Lee. “Que tal a gente jantar hoje à noite?”

Moor respondeu: “Bom, tudo bem.”

“Às seis, no K.C. Steak House.”

“Tudo bem.” Moor saiu.

Lee bebeu metade da tequila que o garçom colocou diante dele. Os encontros casuais com Moor em Nova York já duravam alguns anos e ele nunca gostara do outro. Moor não gostava de Lee, mas, também, Moor não gostava de ninguém. Lee disse a si mesmo: “Você deve estar maluco em fazer acenos, quando sabe que ele é um puto. Esse tipo de figura meio limítrofe é capaz de mais maldades que qualquer bicha”.

Quando Lee chegou ao K.C. Steak House, Moor já estava lá, e com ele Tom Williams, outro rapaz de Salt Lake City. Lee pensou: “Ele trouxe uma dama de companhia”.

“Eu gosto do sujeito, Tom, mas não suporto ficar sozinho com ele. Ele fica tentando me levar pra cama. É disso que eu não gosto nas bichas. Não dá pra manter a coisa só na amizade...” É, Lee até podia ouvir a conversa.

Durante o jantar, Moor e Williams conversaram sobre um barco que planejavam construir em Zihuatanejo. Lee achou o projeto uma bobagem. “Construir barco é coisa pra profissional, não é não?”, perguntou. Moor fingiu não ouvir.

Depois do jantar, Lee caminhou com os dois até a pensão de Moor. Quando chegaram à porta, convidou: “Os cavalheiros não estariam a fim de uma bebida? Vou comprar uma garrafa...”. Olhou para um, depois para o outro.

Moor disse: “Bom, não. Sabe, a gente está querendo trabalhar no projeto do barco que vamos construir”.

“Ah”, falou Lee. “Certo, nos vemos amanhã. Que tal a gente se encontrar pra beber no Rathskeller? Lá pelas cinco.”

“Acho que vou estar ocupado amanhã.”

“Certo, mas vai precisar comer e beber.”

“Bom, sabe, é que esse barco é a coisa mais importante pra mim no momento. Vai ocupar todo o meu tempo.”

Lee respondeu: “Você é que sabe”, e foi embora.

Lee estava profundamente magoado. Podia ouvir Moor dizendo: “Obrigado pela cobertura, Tom. Bom, espero que ele tenha sacado. Claro, o Lee é um cara interessante e tudo mais... só que isso de ele ser bicha simplesmente está além dos meus limites”. Tolerante, disposto a olhar os dois lados da questão, simpático à condição do outro até certo ponto e, por fim, obrigado a colocar limites, com tato mas sem rodeios. “E o cara acredita mesmo nisso”, pensou Lee. “Do mesmo jeito que acredita naquela babaquice de fortalecer o ego da mulher dele. É capaz de se regozijar de uma maldade virulenta e, ao mesmo tempo, se ver como um santo. Verdadeira proeza.”

Na verdade, o fora de Moor tinha sido calculado para causar a maior mágoa possível naquelas circunstâncias. Colocava Lee na posição da bicha detestavelmente insistente, idiota e insensível, a ponto de nem se dar conta de que suas investidas eram indesejadas, forçando Moor à desagradável necessidade de ir desenhar um diagrama.

Lee ficou recostado num poste de iluminação durante vários minutos. O choque o deixara sóbrio, a euforia do álcool havia sido drenada de seu corpo. Percebeu o tamanho do cansaço e da fraqueza que sentia, mas ainda não estava preparado para ir para casa.